

A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) NO CONTEXTO ESCOLAR

Renata Moraes; Maria José das Neves Lima da Silva; Orientadora: Raphaela Presbytero Reis Van-Lume.

FACESF – Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco, rena.moraes@hotmail.com / mjn.educ.inclusiva@gmail.com

Resumo: A aprendizagem é constituída de muitas formas, estando relacionada a vários fatores, cada pessoa apresenta seu próprio estilo de aprendizagem, ritmo e necessidades específicas para o seu desenvolvimento. Considerando que cada pessoa é única, a inclusão escolar é garantida quando as escolas compreendem que a pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, antes de ter um diagnóstico de uma deficiência, ela é uma pessoa, e atua atendendo as suas necessidades educacionais através de adequações no currículo e intervenções adequadas à demanda de habilidades que o aluno precisa aprender. No Brasil as estatísticas apontam, cerca de 2 milhões de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo. A Análise Aplicada do comportamento é indicada como uma das mais eficazes abordagens para o tratamento do transtorno, apresentando comprovações científicas. A ABA analisa nos contextos naturalísticos e em ambientes estruturados, o comportamento verbal e habilidades sociais do indivíduo, propondo programas de ensino para o desenvolvimento destas habilidades, se tonando um direcionamento importante para o professor atuar com este público, portanto precisa ser divulgada e fazer parte do processo educacional na inclusão de alunos com atraso no desenvolvimento e com transtorno do espectro do autismo.

Palavras-chave: Terapia comportamental, Transtorno autístico, inclusão educacional.

Introdução

Para melhoria na qualidade da educação, a escola deve atender as necessidades dos alunos, reconhecendo a princípio de que educação de qualidade é direito de todos como explicita a Constituição Federal em seu art. 205 define a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é um distúrbio neurológico que vem desafiando a ciência em sua complexidade, tanto no que concerne à origem quanto as suas especificidades acerca dos graus de comprometimento apresentados no espectro. As pessoas com TEA

apresentam prejuízos na comunicação e interação social, assim como movimentos repetitivos e estereotipados (DSM-V, 2013), causando atrasos no desenvolvimento da linguagem e comportamento social.

Os dados mais recentes do Centers for Disease Control and Prevention - CDC, Centro de Diagnóstico de Doenças dos Estados Unidos, afirma que 1 a cada 59 crianças com 8 anos de idade, são identificadas com o transtorno e sua prevalência aumenta a cada ano em comparação a dados anteriores. A OMS estima que aproximadamente 1% da população mundial tenha TEA.

É inegável que este público aumenta a cada ano e que a escola precisa ir se aprimorando com estratégias de ensino que favoreça seu desenvolvimento. Alunos com TEA apresentam dificuldades de aprendizagem, que, dependendo do grau de comprometimento, podem se tornar um desafio quase impossível para uma efetiva inclusão. Sendo as dificuldades nas áreas do comportamento verbal e social verdadeiras barreiras para o seu desenvolvimento escolar.

A busca de estratégia que permitam remover essas barreiras [...] reflete a verdadeira filosofia da educação inclusiva indo muito além da inserção de alunos nesta ou naquela sala de aula. A presença física é necessária, mas não é suficiente para inclusão ser garantida com qualidade e eficiência. (CARVALHO, 2006)

Baseado nos estudos inicialmente de Skinner e posteriormente no aprimoramento da aplicação da análise comportamental ao campo naturalístico, proposto por Lovaas, a ciência Análise do Comportamento Aplicada -ABA, traz enorme contribuição ao ensino de pessoas com transtorno do espectro do autismo e atraso no desenvolvimento, pois, fundamentada na análise comportamental aplicada em ambientes naturalísticos, propõe programas para o ensino de habilidades comportamentais contribuindo com o desenvolvimento nas áreas da comunicação, interação social, habilidades acadêmicas e de vida diária (LEAR, 2004).

Martone (2017), coloca que existem vários protocolos, baseados na análise do comportamento aplicada, que avaliam repertórios comportamentais, englobando áreas específicas e auxiliando no planejamento de currículos funcionais, assim como orientam a atuação dos atendedores terapêuticos, escolas e professores, através do PEI (Plano de Ensino Individualizado).

Com comprovações científicas, a ABA torna-se uma ciência de importância para o trabalho acadêmico, visando a aprendizagem e desenvolvimento de alunos com atraso no desenvolvimento ou com TEA, sendo uma abordagem fundamental para o processo de inclusão escolar. A ABA avalia as habilidades nos comportamentos verbais e sociais indicando

adequação ao currículo escolar, pautado no próprio desenvolvimento dos alunos, mas sem tirar o aluno da sala regular de ensino, ao qual tem o direito de estar sendo atendido por profissionais qualificados, como especifica a LDB em seu Art. 59.

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013), I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

As crianças que não possuem um desenvolvimento típico requerem do espaço escolar uma adaptação em sua estrutura e modelo educacional, afim de garantir a essas crianças o direito legal de usufruírem desse espaço de aprendizagem, assim como adaptação no currículo, métodos, técnicas e recursos, como garante a LDB. Atualmente, o que observamos é o desafio de fazer cumprir a legislação em vigor, garantindo aos alunos com deficiência, ingresso, permanência e aprendizagem nas escolas (GLAT, BLANCO, 2007). Portanto, o objetivo deste artigo é investigar como ocorre a inclusão escolar e divulgar a importância da ABA no processo para inclusão escolar.

Metodologia

Foi utilizado como tipo de estudo o modelo transversal, prospectivo, explicativo, descritivo, utilizando o método quantitativo, não sendo necessário ser encaminhado ao comitê de ética, por apresentar caráter censitário.

Participarão da pesquisa profissionais que atuam em escolas públicas e privadas da cidade do Recife, localizada no estado de Pernambuco.

Como critérios de inclusão utilizaremos profissionais localizados nas cidades de Recife no estado de Pernambuco que atuem com alunos com TEA. Os critérios de exclusão serão profissionais que não atuem com crianças com TEA.

Como procedimentos foi utilizado: formulário de pesquisa produzido pela plataforma Survio.com para verificar a concepção dos professores que atuam com a inclusão de alunos com TEA; apuração dos dados em gráficos e tabelas, formando a base estatística; descrição dos resultados e conclusões.

Como variável foi utilizado um formulário de coleta de dados padronizado para a coleta das variáveis primárias e secundárias. A variável primária foi a concepção dos professores sobre a inclusão e o conhecimento sobre ABA, as variáveis secundárias: conhecimento sobre terapias, data, rede de ensino.

Como método estatístico foi utilizado o cálculo do tamanho da amostra sendo realizado o cálculo formal de tamanho da amostra, através de dados fornecidos através da utilização de rede social para convite à participação dos profissionais.

A análise estatística dos dados, foi coletada em um formulário padronizado e os dados armazenados em uma planilha eletrônica de dados (Microsoft Excel® 2003. Redmond, WA, EUA). Na qual, cada coluna correspondeu a um formulário de coleta de dados e cada linha aos dados coletados, estabelecendo um comparativo dos dados coletados e transformados em gráficos.

Resultados e Discussão

A educação inclusiva vem aumentando estatisticamente no Brasil com média em 74% dos alunos matriculados em sala regular (análise do Censo realizada pelo Observatório do PNE, referente a META 4). Paralelo a este aumento, vem a necessidade das escolas em atuarem com qualidade no atendimento aos alunos da modalidade especial, utilizando métodos, técnicas, recursos, intervenções e adequações de acessibilidade para desenvolver suas habilidades e autonomia no processo escolar. Apesar do aumento nas matrículas em sala regular, questionamos os professores se a educação inclusiva está sendo efetiva na sua escola (Gráfico 1). Participaram desta pesquisa 17 escolas de Recife, incluindo escolas públicas municipais 35,3%, estaduais 5,9% e privadas 58,8%.

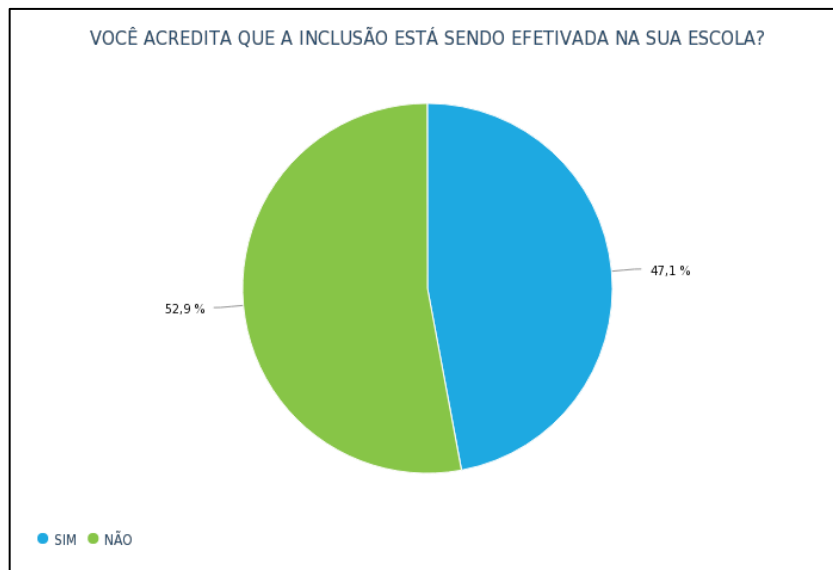


Gráfico 1: Você acredita que a inclusão está sendo efetivada na sua escola?.
Fonte: pesquisa realizada 2018

De acordo com o gráfico 47,1% consideram que é efetiva em sua escola, porém 52,9% não acreditam. Desta maioria, de escola privada.

Durante a pesquisa, muitos professores mencionaram que apesar das dificuldades para atender a estes alunos, adequam o currículo às suas necessidades educacionais como exposto no Gráfico 2. As adequações, baseadas na abordagem ABA, baseia-se na avaliação funcional das habilidades específicas de cada aluno avaliado, propondo um currículo de habilidades, adequado ao seu desenvolvimento.

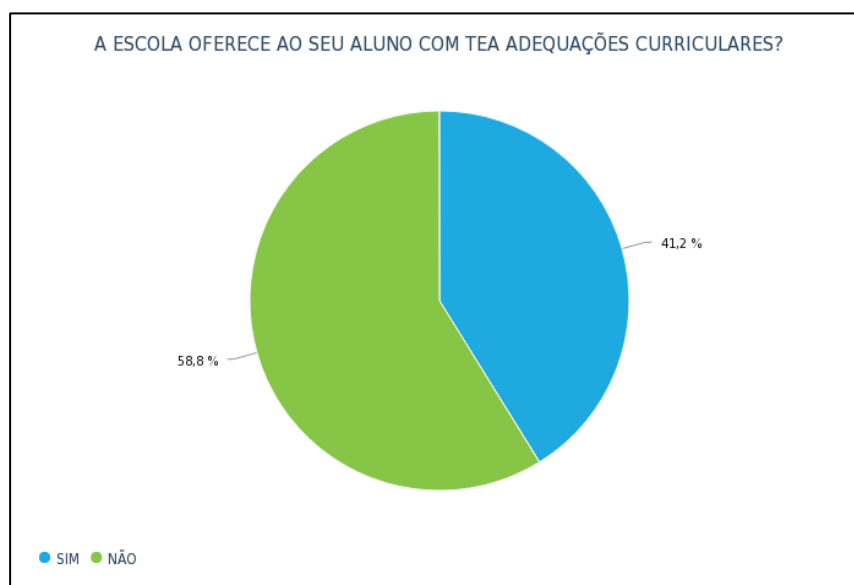


Gráfico 2: A escola oferece ao aluno com TEA adequações curriculares?
Fonte: pesquisa 2018



No entanto, no gráfico 3, fica explícito que 35,2% das adequações propostas se referem a conteúdos, 29,4% em estrutura física, 17,6% no currículo, porém, empatam em 11,8% a oferta de Programa de Ensino Especializado – PEI, avaliação funcional das habilidades e uso da comunicação alternativa. Surge então, um questionamento importante, que tipo de avaliação é realizada para embasar as adequações relacionadas aos conteúdos e currículos, tendo em vista que, para o aluno com TEA, é importante a avaliação funcional das habilidades e o PEI? Além disso, o aluno com TEA não requer adequações físicas estruturais, apenas ambientais, no sentido de organização espacial e apresentação da comunicação alternativa por meio da troca de figuras para ampliar seu vocabulário, organizar sua rotina, desenvolver sua linguagem expressiva e aprendizagem de novas habilidades.

Para o planejamento do PEI, a avaliação funcional embasa quais habilidades demandam maior necessidade de aprendizagem, assim como diagnostica as potencialidades já existentes e barreiras de impedimento para seu desenvolvimento. O envolvimento de uma equipe multiprofissional nesta avaliação é importante pois, após a diagnose, deve ser definido programas de ensino das habilidades para o desenvolvimento do PEI e do currículo funcional específico para este aluno.

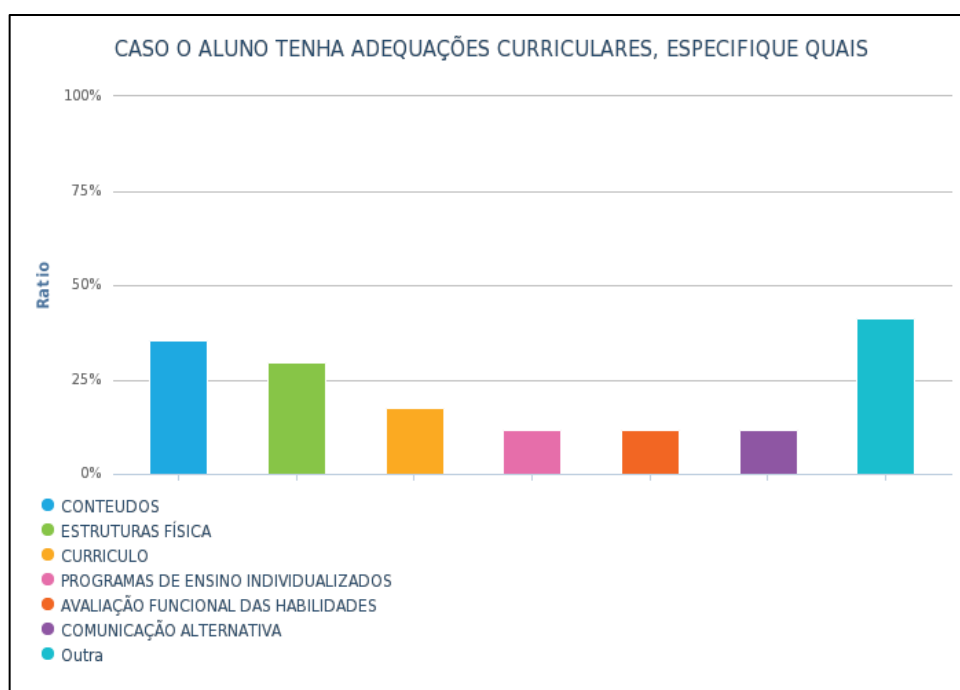


Gráfico 3: Professor preparado para alunos com NEE.
Fonte de pesquisa realizada 2018.

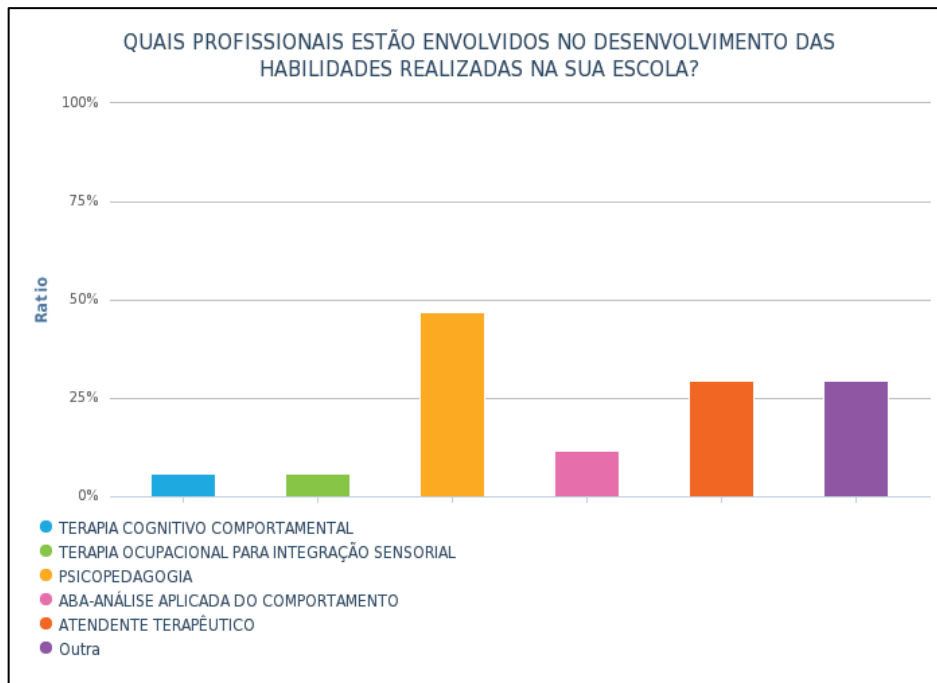
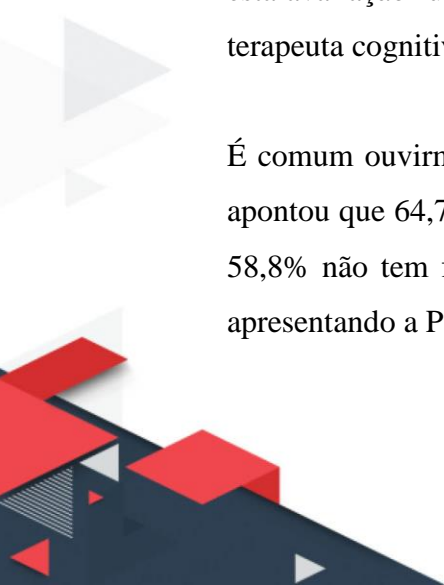


Gráfico 4: Quais profissionais estão envolvidos no desenvolvimento das habilidades realizadas nas escolas.

Fonte: Pesquisa 2018

A pesquisa mostrou no gráfico 4 que o profissional mais envolvido no desenvolvimento do aluno com TEA é o/a psicopedagogo/a com 47/1% de participação e o Atendente Terapêutico - AT com 29%. No entanto, as pessoas com TEA apresentam em sua condição clínica, inabilidades nas áreas da linguagem e comportamento, assim como podem apresentar disfunções no processamento sensorial, porém os profissionais que atuam diretamente nestas áreas são os que tem uma menor participação no desenvolvimento do aluno com TEA. Partimos, portanto para um novo questionamento: quais profissionais são habilitados de fato a realizar esta avaliação funcional? O analista do comportamento aplicado, o terapeuta ocupacional e o terapeuta cognitivo comportamental foram apontados com o menor índice de envolvimento.

É comum ouvirmos relato das escolas sobre a necessidade de apoio profissional, a pesquisa apontou que 64,7% dos professores não se sentem preparados para atuarem com este público, 58,8% não tem formação específica e apenas 17,6% se declaram com formação adequada, apresentando a Psicologia, Pedagogia e especialização em Educação especial como suficientes



para sua formação e atendimento as demandas na inclusão dos alunos com TEA e ainda que 41,2% das escolas envolvidas na pesquisa, garantem acesso, qualidade e permanência destes alunos nas salas de aula regular e 29,4% acreditam que há acesso e permanência porém não há qualidade.

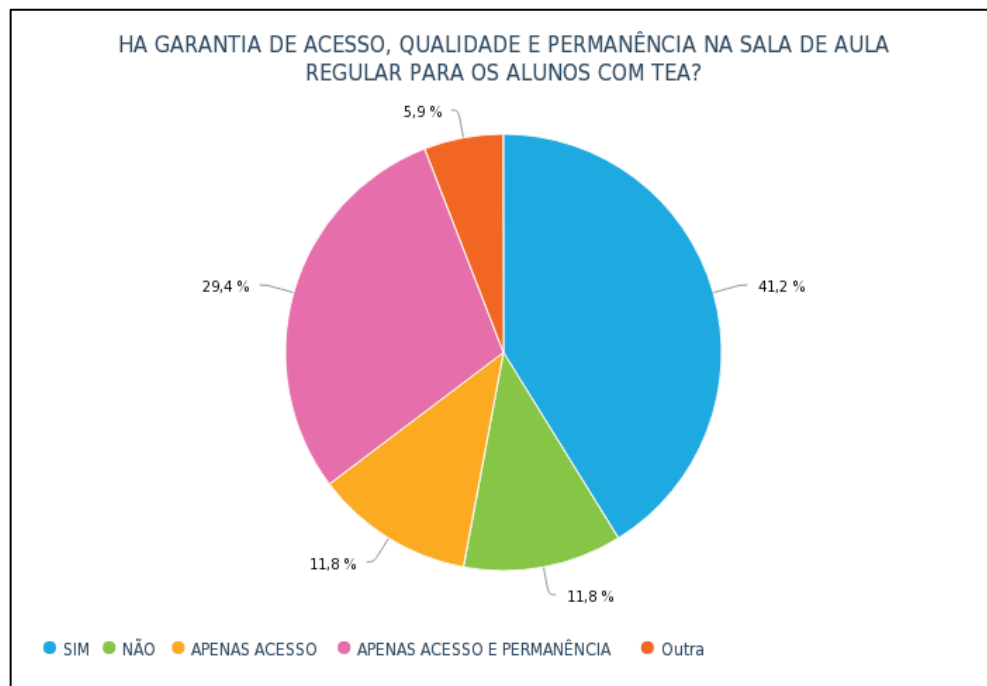


Gráfico 5: Há garantia de Acesso, qualidade e permanência na sala de aula regular para os alunos com TEA?

Fonte: pesquisa 2018

Para o atendimento com qualidade a equipe escolar precisa estar preparada para atuar com as demandas no processo de inclusão, oferecendo formação continuada aos seus profissionais, atuando em parceria com a família e demais profissionais interna e externamente envolvidos com o processo. A terapia ABA, não apenas avalia as habilidades funcionais do aluno com atraso no desenvolvimento, como também, desenvolve o trabalho em parceria com todos os envolvidos, incluindo a família e o próprio aluno, quando este tem condições de participar do planejamento. Além do trabalho em parceria, a ABA diagnostica e norteia o PEI com programas de ensino específicos para cada habilidade apontada no diagnóstico e acompanha periodicamente o desenvolvimento da aplicação com avaliação comportamental sendo aplicada em ambiente naturalístico.

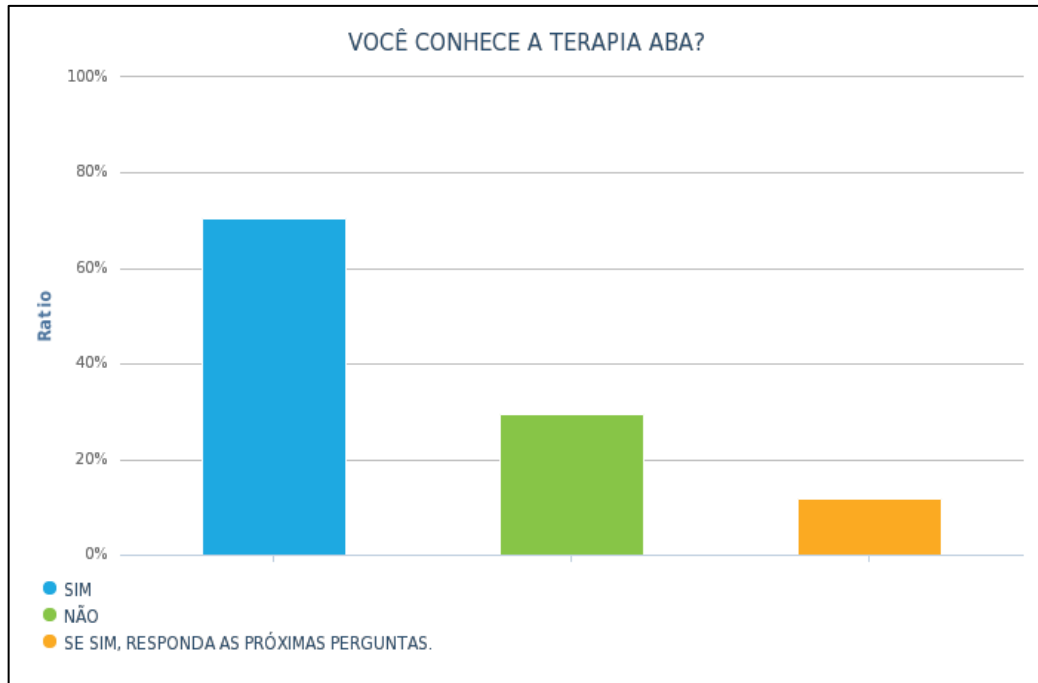


Gráfico 6: Você conhece a terapia ABA?
Fonte: pesquisa 2018

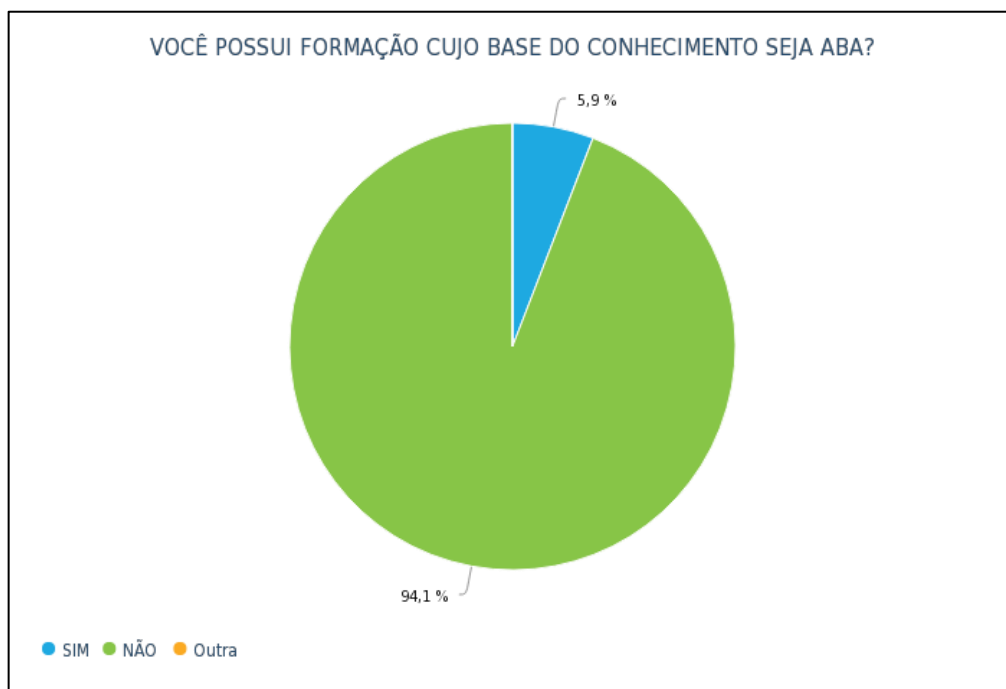


Gráfico 7: Você possui formação cujo base do conhecimento seja ABA?
Fonte: pesquisa 2018



Apesar de 70,6% dos participantes afirmarem que conhece a ABA, apenas 5,9% tem formação com base no conhecimento da Análise Aplicada do Comportamento e 82,4% consideram importante a abordagem ABA no processo de inclusão (gráficos 6, 7 e 8).

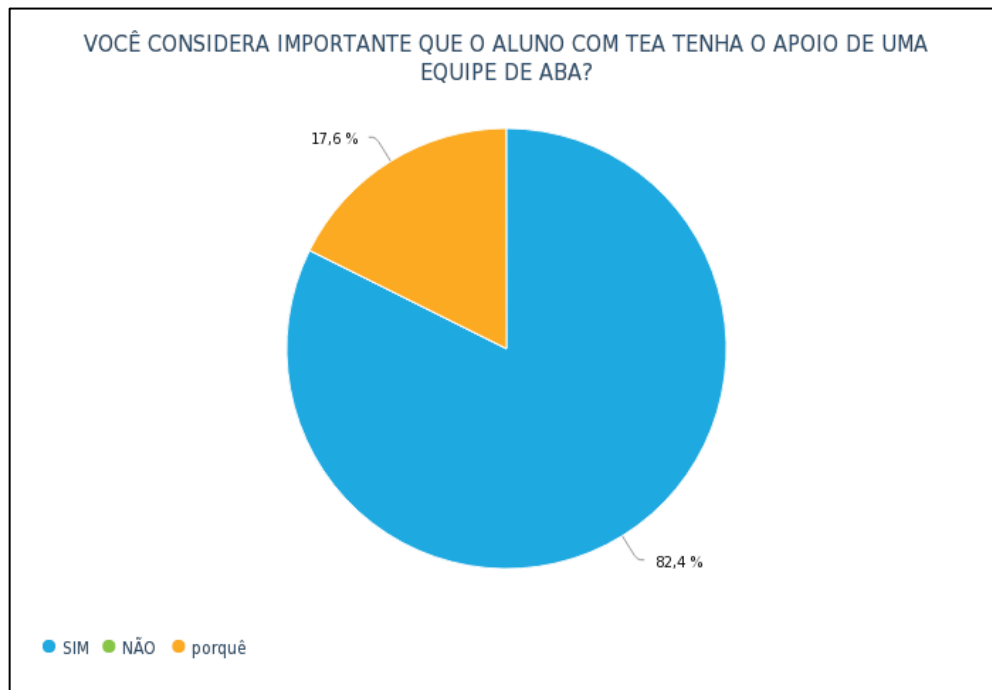


Gráfico 8: Você considera importante que o aluno com TEA tenha o apoio de uma equipe ABA?

Fonte: pesquisa 2018

Conclusões

São distintas as formas de evoluir no conhecimento de mudanças: pela sua discriminação, pela mediação, pela busca de novos conhecimentos, pela análise de contexto, pela distinção entre forma manifesta e essência, pela indicação das funções de seus componentes, pela visão de sua estrutura, pela comparação de estudos alterados de sua essência, dentre outras.

Formas diferentes de conhecer e lidar com o mundo geram formas distintas de interpretar e perceber seus significados. Nos relatos dos profissionais participantes da pesquisa fica claro que se não houver formação e orientações adequadas as necessidades dos alunos, a qualidade no atendimento ficará comprometida e a escola terá que usar de estratégias para manter o acesso

e a permanência, mas que não é suficiente para desenvolver a aprendizagem das habilidades específicas que demanda do aluno com TEA.

A pesquisa possibilitou compreender a partir da realidade descrita que a formação inicial para atuação docente é imprescindível, mas a formação continuada e acompanhamento adequado de sua evolução, também é importante para continuidade do processo de aprendizagem. Percebe-se assim, que a existência de formação inicial sobre Educação especial levou alguns dos profissionais a interessar-se em realizar cursos que ampliam seus conhecimentos sobre o trabalho docente, buscando abordagens que favorecem o desenvolvimento dos alunos com TEA como ABA.

A discussão sobre o currículo que também perpassa o eixo de debate da pesquisa, ajudou-nos a compreender como uma relação pouco clara e às vezes nem estabelecida do professor sobre as necessidades reais dos alunos com TEA, pode prejudicar o resultado de seu trabalho, pois ter o currículo adaptado, demonstra o quanto a formação docente tem sido importante neste processo. Os docentes que não se consideram estar preparados para discutir e mudar as relações estabelecidas, ocultamente, ainda não estão política e teoricamente preparados para compreender e auxiliar os estudantes no conhecimento da realidade que o cerca.

Neste sentido, entre outras condições que são necessárias desenvolver para que se concretize o modelo de inclusão adequado, dentre outros pilares fundamentais, a colaboração, com compartilhamento das intervenções e planejamento contínuo, baseado na análise comportamental, o apoio curricular e institucional, as implicações de toda a comunidade educativa, foram fatores indicados pelos profissionais como imprescindíveis.

Referências

American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5). 5th ed. Washington, DC: American Psychiatric Association; 2013.

BRASIL. LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9396/1996.

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: **Os Pingos nos I's**. ed. Porto Alegre. Ed. Meditação, 2006.

CDC - Centers for Disease Control and Prevention -. Prevalência de Autismo Ligeiramente Maior na Rede ADDM do CDC. Publicado em 26/04/18 as 13:00. Disponível no endereço eletrônico:
www.cdc.gov/media/releases/2018/p0426-autism-prevalence-.html

EUA, WA. Microsoft Excel® 2016. Redmond.

GLAT, R. ; BLANCO, L. de M. V. **Educação Especial no Contexto de uma Educação Inclusiva**. In: GLAT, R. (org.). Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 2007.

LEAR, K. Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA Part I: Training Manual. Toronto, Ontario – Canada, 2a edição, 2004.

PNE. Observatorio. Meta 4, Educação Inclusiva. Disponível em:
<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>. Acesso em 29/07/18.

MARTONE, M.C.C. Adaptação para a Língua Portuguesa do Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP) e a efetividade do treino de habilidades comportamentais para qualificar profissionais. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos. 2016.

SURVIO. Software de pesquisa & inquéritos online. Disponível em:
<https://www.survio.com/survey/d/P9N2S9D8U8E8Z6L9L>